

O SER, A LINGUAGEM E O HABITAR *BEING, LANGUAGE AND DWELLING*

André Augusto MAIA

Doutorando em Educação Escolar pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar (FCLAr – UNESP – SP).
Professor do Centro de Estudos da Arquidiocese de
Ribeirão Preto-SP.
E-mail: andrefilosofo2@gmail.com

Carlos Alexandre Barbosa dos SANTOS

Bacharel em Filosofia no Centro de Estudos da
Arquidiocese de Ribeirão Preto (CEARP).
E-mail: carlitosbarbosa@outlook.com.br

RESUMO

Martin Heidegger traz à tona a questão da linguagem, que não apenas pertence ao “ser”, mas do “ser” que pertence a ela e nela faz morada. Será a filosofia – e a linguagem – capaz de recolocar o ser humano a caminho de casa, ressignificando a si mesmo e o mundo? Ao ressignificar a linguagem, Heidegger não apenas dá um novo sentido àquilo que dizemos/pensamos sobre a realidade, mas eleva-a como instância de enunciação da verdade do ser. Somente a linguagem pode dizer a realidade e a verdade do ser homem. Habitamos a linguagem, e a linguagem nos habita.

PALAVRAS-CHAVE: Heidegger. Filosofia. Linguagem. Resignificar.

ABSTRACT

Martin Heidegger brings up the issue of language, which not only belongs to “being”, but to the “being” that belongs to it and makes its home. Will philosophy – and language – be able to put the human being back on the way home, reframing himself and the world? By reframing language, Heidegger not only gives a new meaning to what we say/think about reality, but elevates it as an instance of enunciation of the truth of being. Only language can express the reality and truth of being human. We inhabit language, and language inhabits us.

KEYWORDS: Heidegger. Philosophy. Language. Resignify.

INTRODUÇÃO

As palavras nada têm a ver com as sensações, palavras são pedras duras e as sensações delicadíssimas, fugazes, extremas [...] Se eu não acho um modo de falar a mim mesmo a palavra me sufoca a garganta atravessando-a como uma pedra não deglutida. Eu quero ter acesso a mim mesmo na hora em que eu quiser como quem abre as portas e entra. (LISPECTOR, 2013, p. 203; p. 55-56).

As palavras nos atravessam, assim como Clarice Lispector nos atravessa, em seu conto, ao nos convidar a refletir sobre a dureza da linguagem, como espaço do sujeito que reflete e externaliza o seu lugar, o seu eu. Por meio das palavras e da poesia conseguimos extrapolar aquilo que somos, desejamos e sonhamos.

Em nossa tarefa de propor a reflexão sobre a linguagem enquanto caminho árduo-necessário, encontramos Martin Heidegger, que também nos atravessa com sua contundente reflexão sobre o ser-aí - o *Dasein* -, a linguagem e o habitar.

Autor de significativas obras que fundamentam, ressignificam e questionam a metafísica, Heidegger nos incomoda e nos faz questionar, a partir da indagação sobre o ser, o que ainda nos coloca a caminho da totalidade, num tempo tão devastado pela confiança irrestrita na Ciência. Será a filosofia – e a linguagem – capaz de recolocar o ser humano a caminho de casa, ressignificando a si mesmo e o mundo?

À pergunta posta acima, temos a ideia da pretensa tarefa da filosofia como aquela que tem a capacidade de recolocar o ser humano a caminho de casa, ou seja, à caminho de si mesmo e de um necessário habitar em um mundo diferente deste que se nos apresenta; um mundo esvaziado de uma busca pelo conhecimento, permeado pela superficialidade e destituído de significado.

A partir das reflexões tecidas a partir da leitura de algumas das obras heideggerianas, especialmente *A caminho da linguagem* e *Ser e Tempo*, apontaremos alguns caminhos para pensar sobre o tema *O Ser, a linguagem e o habitar*, ajudando ao leitor na reflexão a respeito do problema posto. Trata-se de situar o ser humano não só a caminho de si mesmo, mas, enquanto ser de fala, de linguagem, habitante do mundo e em constante disposição e busca de permanecer tomado pelos conceitos, desperto pela exigência de reflexão sobre si e sobre o mundo.

O SER, A LINGUAGEM E O HABITAR

Heidegger, em *Ser e Tempo* (2015), preocupou-se em realizar a analítica existencial da própria existência humana no *Dasein*, sendo o ente privilegiado que questiona o seu modo de ser. Para ele, o

homem precisa elevar a filosofia de sua deformação humanista até o mistério do Ser, que é o seu desvelamento.

No pensamento, a fala nunca é primeiro. O pensamento nunca fala de modo próprio. Sempre responde por já ter escutado. Toda pergunta ou questão do pensamento torna-se radical por já ser sempre resposta. Só se consegue dizer a palavra essencial na escuta do sentido, a essência da palavra. Só muito raramente o pensamento chega à sua essência de escuta do sentido. Obediência é uma audiência atenta do sentido. Por lhe dirigir continuamente a essência da palavra, o tempo, enquanto pronome do ser, está sempre dizendo a palavra crucial, mas que o pensamento só consegue repetir numa variedade infinda de palavras, de gestos, de sentidos, de ações. Os homens falam para responder e são para falar. Quando terminam de falar deixam de ser. (HEIDEGGER, 2015, p. 14-15)

A linguagem, enquanto patrimônio de palavras, de conceitos, regras sintáticas, lógicas e gramaticais, pode se tornar uma instância limitadora daquilo que podemos dizer sobre nós mesmos e o mundo. Assim, a linguagem do homem *pode falar* dos entes, mas *não pode falar* do Ser. Por isso, a revelação do Ser não pode ser obra de um ente, ainda que privilegiado como o *Dasein*, mas só pode se dar através da iniciativa do próprio Ser.

A linguagem fala. O que acontece com essa sua fala? Onde encontramos a fala da linguagem? Sobremaneira no que se diz. No dito, a fala se consuma, mas não acaba. No dito, a fala se resguarda. No dito, a fala recolhe e reúne tanto os modos em que ela perdura como o que pela fala perdura - seu perdurar, seu vigorar, sua essência. Contudo, na maior parte das vezes e com freqüência, o dito nos vem ao encontro como uma fala que passou. (HEIDEGGER, 2003, p. 11-12)

Nesse sentido, na obra *A caminho da linguagem* (2003), Heidegger afirma que falar não é o mesmo que dizer. Imersos pela necessidade de falar muitas coisas podemos nada dizer, bem como, quando nos calamos, nos silenciados, muito pode ser dito. Quando nos dispomos a falar com os outros, dizemos algo em conjunto, mostrando-nos ao outro e, reciprocamente, trazemos algo do não manifesto, oculto, ao campo da aparência, da compreensão.

Escutar o chamado silencioso de nossa consciência pode nos ajudar a abafar os incessantes ruídos do falatório dispersivo e infundado, que não nos conduz ao conhecimento do *ser-aí*: a compreensão originada da apropriação de si mesmo garante que o *ser-aí* possa escutar e dizer algo a si e ao outro a partir de uma abertura própria e rica de si mesmo (DUARTE, 2005).

Para Heidegger, em sua carta *Sobre o humanismo* (1967), a Metafísica tradicional trouxe os conceitos “sujeito” e “objeto” de maneira insuficiente, pela demasiada preocupação em fundar suas investigações, desde o início, na lógica e na gramática, estas últimas apossando-se da interpretação da linguagem.

Nesse sentido, é necessário libertar a linguagem da gramática, resgatando sua ação originária: o pensar e o poetizar. A linguagem é a experiência pensante, do *Dasein*, onde o pensar, para Heidegger, é pensar o Ser. O pensamento é a linguagem pela Verdade do Ser, pelo qual nunca se passou a história, mas continua em seu constante devir, é a história do Ser que carrega e determina toda condição e situação humana.

Por isso, para Heidegger (1967), a linguagem está sempre à volta do ser humano e é nela que o homem encontra o seu habitar. É na linguagem e por meio dela que o *Dasein* se faz presente no mundo, por isso ele é o ser-no-mundo. Pensar a linguagem desde o princípio significa que devemos alcançar de tal modo à fala da linguagem que concede e garante a sua moradia para o modo de ser dos homens.

“A linguagem é a casa do Ser. Em sua habitação mora o homem. Os pensadores e poetas lhe servem de vigias. Sua vigília é *con-sumar* a manifestação do Ser, porquanto, por seu dizer, a torna linguagem” (HEIDEGGER, 1967, p. 25). Heidegger nos provoca a ir além das estruturas lógicas das línguas naturais, pois, é por meio da linguagem que podemos chegar ao acontecimento do Ser. Investigar a própria linguagem significa tentar compreender como se dá a abertura do ser-no-mundo, e ser-no-mundo é morar, em sentido alemão *das Haus*, do verbo *das hausen*: habitação.

Uma ponte, um hangar, um estágio, uma usina elétrica são construções e não habitações: a estação ferroviária, a auto-estrada, a represa, o mercado são construções e não habitações. Na auto-estrada, o motorista de caminhão está em casa, embora ali não seja a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. Nelas, o homem de certo modo habita e não habita, se por habitar entende-se simplesmente possuir uma residência (HEIDEGGER, 2002, p.125).

Pensar o Ser é a essência primordial da linguagem. A linguagem, que é a habitação do Ser, exprime a função exercida pela casa que é abrigar, num duplo movimento de construir e habitar. Nesse sentido, segundo Heidegger, a linguagem abre suas portas para que nela o homem habite, porém quem dá segurança vigiando-a são os pensadores e poetas. A vigília deles é levar a linguagem a uma manifestação plena, dando abrigo ao pensar, mas não a qualquer pensar: é o pensar próprio do Ser e não um pensar puramente racional.

Ao recusar a concepção da linguagem como mero veículo de comunicação, temos a reviravolta do pensamento heideggeriano, isto é, ocorre aí a ressignificação da linguagem, onde Heidegger compreende que a revelação do Ser não pode ser obra de um ente, ainda que seja o *Dasein*, mas só pode se dar através da iniciativa do próprio Ser.

Por isso, Heidegger (1967, p. 51) define que “o homem é o pastor do ser”, pois a questão do Ser sempre será a questão do ente porque para o Ser o mais importante em sua existência é se ele encontra

o que foi destinado em seu existir autêntico, sendo a linguagem o advento do próprio Ser que se clareia e se esconde.

A linguagem fala. Se quiséssemos pensar a linguagem e fazê-la falar, seria preciso que nos aproximássemos daquela intimidade, daquele núcleo fundamental que não se libertaria para nós a não ser que nos deixássemos levar por essa relação constitutiva do nosso ser homem. Portanto, não se deve abordar a linguagem a partir de alguma realidade alheia a ela, quer seja como atividade, quer seja como expressão de nós-mesmos, sinais das nossas sensações, e até das coisas, como em Aristóteles. O mistério da linguagem consiste no fato de a própria razão ser linguagem, *logos*.

O homem é porta-voz da mensagem e o *des-ocultamento* - no sentido grego *a-létheia* - da duplicidade lhe é confiado pelo *Dasein*, porque o homem pertence ao *Dasein* como mensageiro, como aquele que transmite e conserva a mensagem, enquanto Ser hermenêutico que - atualiza - interpreta mantendo a duplicidade da relação entre *Dasein* e ente (presença e presente) sendo a duplicidade seu modo de ser originário.

A linguagem nesse aspecto tem a missão de *pro-vocar* essa duplicidade, seu domínio e império, ela chama o *Dasein*, enquanto, que a parte constitutiva do Ser homem tem por tarefa escutar essa mensagem, essa é a hermenêutica do homem que é o guia da mensagem.

A característica própria do homem é essa fazer emergir a palavra e, portanto, falar se torna pensar e habitar. Isso leva o *Dasein* até as mais altas possibilidades do Ser. Porém, a compreensão da linguagem é situada numa espécie de humanismo, na “*humanitas do homo humanus* a partir de uma interpretação já assente da natureza, da história, do mundo, do fundamento do mundo, partindo de uma interpretação já assente do ente em sua totalidade” (HEIDEGGER, 1967, p. 37), por isso ela teve sua queda, tornando-se um palavrório, um discurso repetitivo tautológico, um falar por falar, mas que ainda se faz presente no ser do homem.

Tal palavrório se situa de alguma forma num tempo longe do tempo existencial. Dessa maneira, a linguagem põe em questão o próprio Ser, abandonando-o no esquecimento, nisso vemos que o problema da linguagem se assemelha ao mesmo problema Metafísico. Entretanto, é daí que surge a necessidade de uma nova relação com a linguagem, para que ela não seja apenas uma atividade do homem, assim como era a Metafísica clássica, porque “todo humanismo ou se funda numa Metafísica ou se converte a si mesmo em fundamento de uma Metafísica” (HEIDEGGER, 1967, p. 37).

Na dimensão essencial do ser-homem, o lugar da linguagem, é o apelo do *Dasein* lançado ao homem, sendo a palavra pura mais essencial e pura pertencente ao *logos* que recolhe para si os entes. A palavra autêntica está fundamentada no *logos*, o que para Parmênides é o combate onde o não-ser se arranca do seio do ser, permitindo que os entes apareçam, por isso a linguagem, implica o devir do *Dasein*,

que lhe pertence profundamente a partir do qual a identidade e a contradição lógica são possíveis. Então, podemos falar de uma ressignificação da linguagem em Heidegger, que reencontra o lugar essencial onde o Ser se mostrou e o pensamento lhe correspondeu, mas onde, ao mesmo tempo, ele se escondeu também, imprimindo assim o seu destino sobre toda a Filosofia ocidental, ficando numa casa, mas não fazendo dela seu *das haus*: habitar.

Na obra *A caminho da linguagem*, especificamente na conferência sobre *Hölderlin e a essência da poesia* (1937), Heidegger, afirma que a poesia, em seu surgimento, tinha a palavra primordial, a língua poética era a mais originária, dando nome às coisas e sendo fundadora do Ser; essa fundação é o dom do próprio ser humano.

Sendo assim, o Ser mais original e Verdadeiro se revela na linguagem poética. Ou seja, na linguagem do poeta, quem fala é a linguagem e não o homem. Por isso o homem deve abandonar-se ao silêncio para ouvir o seu Ser mais profundo, pois é dele que urge o comportamento ético mais correto do homem “fazer o bem e evitar o mal”, ficando livre para a Verdade concebida pelo desvelamento do *Dasein*, pois liberdade e Verdade são dons existenciais concedidos pela ação do próprio *Dasein* existente no homem (REALE, 2006).

Para pensarmos a linguagem precisamos mergulhar na fala da linguagem para nesse mergulho habitar-mos nela. É na fala da própria linguagem, e não na nossa, que alcançamos modo de ser-no-mundo, essa é a essência da existência; entregar a nossa fala para a linguagem (HEIDEGGER, 2003). O ser humano somente conseguirá chegar ao pensamento puro, quando libertar-se da interpretação técnica do pensamento.

Pensar é *pensar em fazer algo*, o pensamento é ativo em fazer agir. Entretanto, há na Filosofia, a necessidade de justificar sua existência diante das ciências, porquanto, há duplamente o esforço de abandonar a considerada essência do pensamento. Essa essência, que Heidegger (1967) traz na carta *Sobre o humanismo*, é no sentido de experiência, significa realizar o seu modo de ser, *wesen* no sentido heideggeriano traduzido para o português mais simples: é ter a experiência de fazer acontecer ou realizar.

O pensamento é a hermenêutica em um encontro com a linguagem no exercício de interpretar a palavra sem a esgotar. Por outro lado, o conceito tradicional da linguagem nos leva a usar a linguagem como mera expressão sensível da nossa vivência, tendo a língua como uma simples atividade dos órgãos da fala e, assim, nós usamos a linguagem técnica e científica para falar dos entes, das coisas. Nisto sabemos que essa consideração técnica da linguagem é rica e é correta, só que não é essência, pois o pensar técnico-explicativo, não penetra no sentido mais profundo da linguagem.

Assim, a hermenêutica proposta por Heidegger traz a sua facticidade no acontecimento histórico do Ser. A essência da linguagem, não é um mero conceito de linguagem: trata-se da “casa do ser” e não se refere apenas a uma imagem de casa.

Esse é o sentido na linguagem de Heidegger, numa perspectiva da verdade do Ser, que é conduzida e condicionada pelo pensamento humano, que depende sempre da forma com que o Ser se manifesta. Heidegger mantém questões e ideias de *Ser e Tempo* em seus escritos posteriores, sobretudo, utiliza-se de tudo o que foi proposto na analítica existencial, porém, as mantém em um novo contexto em que o pensamento humano deve acolher o dom do Ser essencial que é realizar o seu modo de ser em suas possibilidades, com autenticidade.

A essência da linguagem é deixar que a própria palavra possa habitar em sua linguagem mais pura, não sendo algo linguístico, mas sensível, então, temos por “casa do ser” uma indicação da essência da linguagem. A casa é um guia referencial para a linguagem ao mesmo instante que ela se revela. Então, a “casa do ser” não é uma imagem que nos leva ao não sensível que ela expressa, mas, é a linguagem que aponta para o próprio *Dasein*, ela é a presença do presente, é a dualidade Ser-do-ente em sua unidade. Sendo assim, o homem se põe em sua própria essência pelo *Dasein*, pois o homem é homem na medida em que corresponde ao apelo da dualidade e manifesta a mensagem dualística pela linguagem.

Heidegger (2003) retoma as três concepções de linguagem, em que falar é uma atividade dos órgãos que servem para a emissão dos sons e para a escuta.

- 1) A fala é a expressão e comunicação sonora de movimentos da alma humana e os movimentos são acompanhados por pensamentos. A fala é expressão: isso pressupõe a ideia de algo do interior para o exterior;
- 2) A fala é uma atividade humana. Sabemos que o homem fala uma determinada língua e é a linguagem que propicia e concede o homem, isto é o homem é uma promessa da linguagem;
- 3) A fala é a expressão do homem; é uma representação e apresentação do real e do irreal.

Essas expressões não definem a essência da linguagem, pois a expressão dá um valor mais abrangente sobre a concepção da linguagem colocando-a como mera atividade humana. Nesse sentido, a preocupação de Heidegger é que essas concepções, assim como a ideia acerca da origem da linguagem, como algo divino mencionada no Evangelho de São João: “no princípio era a Palavra e a Palavra estava em Deus”, procuraram não apenas libertar a questão da origem das cadeias de uma explicação lógico-racional, como também recusou os limites impostos por uma descrição puramente lógica da linguagem, colocando-a apenas no plano figurativo e simbólico.

Desse modo, a Biologia, a Antropologia filosófica, a Sociologia, a Teologia e a Poética buscaram descrever e esclarecer de maneira mais abrangente os fenômenos da linguagem. Tais formulações trouxeram modos padronizados em que a linguagem se manifesta. Para Heidegger (2003), essa padronização foi o que sustentou a lógica, a gramática, a filosofia da linguagem e a linguística, todavia foi também o que aumentou o conhecimento sobre a linguagem bem como toda a sua modificação constante.

As concepções da linguagem como expressão sonora de movimentos interiores da alma, como atividade humana, como uma representação figurada e conceitual, não estão incorretas e nem falsas ou menos ainda são inúteis. Para o autor, “a maneira mencionada de se abordar a linguagem é correta e exata, pois corresponde ao que uma investigação dos fenômenos linguísticos pode sempre constatar sobre a linguagem” (HEIDEGGER, 2003, p. 11). São raros os momentos em que paramos para refletir o estranho papel desempenhado por essas representações corretas e exatas da linguagem. Por toda parte essas representações afirmam algo inabalável no campo dos vários modos de observação científica da linguagem, elas nos conduzem a antiga tradição, deixando de lado o sentido mais antigo da essência da linguagem.

Na análise de Heidegger (2003), é preciso resgatar a essência da linguagem no dito, neste a fala se consome, mas não se acaba. No dito está o recolhimento da fala e reúne todos os diversos modos em que ela perdura, mesmo que na maior parte das vezes ‘o dito nos escape’ ao encontro como uma fala que passou por nós, p. ex., “falei sem pensar” ou “não era isso que eu queria dizer”; nós simplesmente falamos:

Falamos quando acordados e em sonho. Falamos continuamente. Falamos mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra. Falamos quando ouvimos e lemos. Falamos igualmente quando não ouvimos e não lemos e, ao invés, realizamos um trabalho ou ficamos à toa. Falamos sempre de um jeito ou de outro. Falamos porque o falar nos é natural (HEIDEGGER, 2003, p.7).

Porém, é preciso que aprendamos a habitar - *das hausen* - na linguagem em vez de tentar alcançá-la de fora numa língua já constituída: é preciso habitar no coração da palavra falante para que ela seja ela própria. Para Heidegger, a fala da linguagem se dá também por meio da poesia, que é a forma mais autêntica de manifestação da linguagem. A linguagem é pura quando faz aparecer o aberto; é poesia quando entende esse apelo como ponto de partida, quando decide, quando arrisca. Assim o verdadeiro filósofo e o verdadeiro poeta se esforçam para encontrar a palavra que enuncie a Verdade do Ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A existência autêntica é uma existência angustiada que auxilia o homem a enxergar as insignificâncias de seus projetos. Tal angústia possibilita ao homem aceitar o tempo e permanecer fiel a ele assumindo o próprio destino dentro da comunidade humana, vivendo autenticamente sua vida banal do tempo e de seu povo, com a experiência antecipadora da morte, pela revelação do nada dos projetos humanos e de sua existência.

Para os mortais, falar é evocar pelo nome, é chamar, a partir da simplicidade da diferença, coisa e mundo para vir. Na fala dos mortais o dito do poema é puro chamado. Poesia nunca é propriamente apenas um modo mais elevado da linguagem cotidiana. Ao contrário. É a fala cotidiana que consiste num poema esquecido e desgastado, que quase não mais ressoa (HEIDEGGER, 2003, p.24).

Refletir a manifestação da linguagem, sobretudo, na forma poética, é compreender que ela *desvela* uma infinidade de capacidades expressivas em seu confronto com a realidade humana, essa é a tensão do homem em superar-se continuamente para a auto transcendência de tudo aquilo que ele é capaz de dizer. Nesse sentido, toda tentativa de enclausurar a linguagem humana nos esquemas da ciência estão destinados ao desaparecimento da mesma forma em que faliram todas as tentativas de explicar a realidade humana por meio de procedimentos exclusivamente científicos, por isso para compreender a linguagem humana é necessário ultrapassar a ciência e voltar-se à Metafísica. Há uma voz da consciência que chama novamente à existência autêntica e que remete o homem do plano ôntico para o ontológico, ou seja, “o ser se manifesta como fenômeno ao modo de uma ultrapassagem para o ente” (HEIDEGGER, 2018, p. 42), ele ultrapassa o ente *des-ocultando* a *si-mesmo*.

O fenômeno da linguagem é mais do que uma simples forma e capacidade de expressão. Segundo Heidegger (2003), o dizer genuinamente, está no dito inaugural. Dizer inaugural para ele é não falar de qualquer modo, mas dizer de forma mais profunda e genuína alcançando a plenitude própria da palavra pronunciada. A fala, se expressada no dito e no silêncio é inaugural, ela toca não apenas o pronunciante, mas também o ouvinte. A fala é o que torna o homem humano – falar e escutar – e, a fala mais profunda genuína é a manifestação mais sublime e real da linguagem do Ser que interpela o ente, elevando o *ser-si-mesmo* para *ser-no-mundo* sendo *ser-em* movimento integral.

Portanto, é na linguagem que se *desvela* verdadeiramente o que somos de forma autêntica, nós pertencemos ela, e com ela coabitamos na construção de nós mesmos e do mundo presente que é nossa casa comum. Contudo, para a construção do mundo fomos lançados para Ser e habitar na linguagem.

REFERÊNCIAS

DUARTE, André. **Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro.** *Human Nature*, v. 7, n. 1, jan./jun. 2005, p. 129-158. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/DUAHEA-3>. Acesso em 20/03/2023.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem.** Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, Habitar, Pensar.** In: *Ensaio e Conferências.* (trad.) Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 2ª ed. 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre o humanismo.** Rio de Janeiro: Biblioteca tempo universitário 5. Edições Tempo Brasileiro Ltda, 1967.

LISPECTOR, Clarice. **As palavras.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2013.

REALE, Giovanni. **História da filosofia**, 6: de Nietzsche a Escola de Frankfurt. - São Paulo: Paulus, 2006.



MAIA, André Augusto; SANTOS, Carlos Alexandre Barbosa. O SER, A LINGUAGEM E O HABITAR. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.20, n.1, 2023, eK23022, p. 01-10.

Recebido: 03/2023

Aprovado: 05/2023